

GUERREIRO RAMOS E A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DA REDUÇÃO SOCIOLÓGICA NO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO

JÚLIO CESAR DO PRADO LEITE*

A Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, realizou o simpósio pelo qual procurou fazer justiça ao emérito professor, uma das mais lúcidas inteligências com que contou o país em seu processo de auto-avaliação. O encontro entrevistou a obra de Guerreiro Ramos em suas três mais vivas vertentes: a) quando contribuiu para o enriquecimento da sociologia brasileira; b) quando abriu visão nova sobre os aspectos filosóficos da administração pública; c) quando expôs e propôs a delimitação dos sistemas sociais em visão prospectiva do fim da era do consumo.

Como os temas não se esgotam, parece-me ainda oportuno remarcar a importância do conceito da *Redução sociológica no desenvolvimento brasileiro*, desdobrando para o campo político as águas verdes dos embates sociológicos, que foram marcados pela vivacidade, pela invenção e tom polêmico.

Guerreiro Ramos valeu-se da paráfrase atribuída a Pitágoras para dizer — na introdução de uma de suas obras fundamentais, e preso à certeza da novidade que trazia — que o começo é a metade do todo.¹ Procurava refletir, nesta curta sentença, que a sua teoria de *redução sociológica* era o princípio de uma revolução no pensamento brasileiro, mas ao mesmo tempo esse primeiro passo já constituía, em verdade, meio caminho no despertar de uma consciência nacional que importa na compenetração de que o país forma uma realidade concreta geradora de fenômenos próprios a exigirem soluções peculiares.

Guerreiro sabia que a ciência é universal porque resulta de um esforço organizado de especialistas dispersos por toda parte e que dispõe de um mesmo círculo semântico. Os meios de informação, à sua vez, possibilitam, cada vez com maior velocidade, que o homem de ciência esteja em dia com o estado geral do conhecimento. Assim como ele mesmo proclamava — “em ciência não há lugar para jacobinismo” — ninguém pode realizar progressos se não a partir do que foi conquistado pelo esforço universal.²

* Advogado. (Endereço do autor: Rua México, 111/1607 — 20031 — Rio de Janeiro, RJ.)

¹ Guerreiro Ramos, Alberto. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966. p. 1.

² Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958. p. 95.

O cientista, porém, mormente o cientista social, necessita adestrar-se na “capacidade de ver, sem obnubilações, os problemas de seu contexto existencial”.³ Os enunciados gerais da ciência são patrimônio comum, mas a sua aplicabilidade, assim como a pesquisa ou a percepção dos fenômenos que se desenrolam no seu espaço geográfico ou nacional têm matizes próprios, acima dos quais não se pode jogar as regras importadas do conhecimento geral, tal como se reagissem uniformemente. “Só há um caminho para atingir a autenticidade nesta matéria: o empírico-indutivo, o que parte de uma situação concreta para o plano teórico, o que parte da experiência para a regra.”⁴

Nem todos os espaços, porém, são capazes de constituir pontos de germinação. Há contextos neutros, por não possuírem ou não terem alcançado a capacidade de gerar situações originais. São realidades opacas ou, apenas, reflexas.

Quando uma realidade nacional adquire uma dimensão particular “na qual a historização se sobrepõe às coisas, à natureza, e adquire o perfil de pessoa coletiva”⁵ assume neste instante um protagonismo que exige atenção própria e meios e procedimentos adequados. A personalidade histórica de um povo se constitui, pois, quando, graças a estímulos concretos, usando a terminologia do mestre Guerreiro, ele é levado à percepção dos fatores que o determinam. *Em tal passo* pode-se dizer que *o povo convertido em nação adquiriu consciência crítica*.

Guerreiro Ramos foi levado a essa ordem de idéias, rebelando-se contra métodos e objetivos estereotipados na aplicação sociológica em nosso meio, por acreditar que o Brasil atingiu, a partir dos anos 50, uma dinâmica própria de desenvolvimento que lhe permitiria, apoiado em condições endógenas, ter um desempenho autônomo no quadro mundial.

Seu ufanismo era temperado por postulados em que punha toda a fé e segundo os quais o povo brasileiro passou a viver, a partir de tal fase, nova etapa em seu processo histórico-cultural.

Que fatos são esses? — perguntava. E, buscando concretude, mais além da aspiração, apontava três (um fenômeno e dois epifenômenos): a industrialização, a urbanização e as alterações do consumo popular.

A industrialização possibilitou a incorporação de grandes contingentes populacionais na força econômica ativa, vale dizer, no circuito econômico que cedo se firma e se torna irreversível.

É fato que não permite controvérsia, afirma Guerreiro usando a expressão de Spengler, que parte considerável da população brasileira saiu do estado “fclahico”⁶ que define a vida de populações sem história, para uma nova forma de existência temporal, quando as relações dos homens entre si e com a natureza se tornam imediatas, graças à intensificação do trabalho social e à diminuição do impacto das necessidades elementares na vida ordinária. É nesse momento que os indivíduos escapam da finalidade inerente ao seu estado atual e “perseguem uma experiência progressiva”.⁷

³ Guerreiro Ramos, Alberto. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*. Rio de Janeiro, Andes, 1954. p. 109.

⁴ Id. *ibid.* p. 108.

⁵ Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 22.

⁶ Id. *ibid.* p. 33.

⁷ Lefort, Claude. *Sociétés sans histoire et historicité*. In: *Cahier Internationaux de Sociologie*, v. 12. Apud Guerreiro Ramos, A. *A redução sociológica*. op. cit. p. 33.

A inversão da tendência *urbanização versus ruralização*, conseqüente à industrialização, para Guerreiro Ramos, é vigoroso processo mediante o qual, continuamente, se incorporam a um círculo de intensas relações, sobretudo econômicas, brasileiros que antes viviam no nível quase puramente vegetativo. Essa incorporação transforma, ao correr de tempo não muito largo, tais cidadãos, “de indivíduos escassamente compradores em essencialmente compradores”.⁸ Saem do autoconsumo da produção de subsistência para viverem de salário, o que significa que têm de comprar tudo ou quase tudo de que necessitam com a remuneração que recebem pela locação de sua mão-de-obra. Como o processo é dinâmico e a estrutura da produção e do próprio desenho social são permeáveis, inflando continuamente, aqueles que em um tempo chegam à periferia da vida urbana vão passando aos círculos em que o consumo se dá cada vez mais intensamente. Não só, então, são promovidos a adquirirem mais, como variam na direção da cesta de mercadorias compatível com o crescimento do respectivo poder aquisitivo.

A mudança qualitativa dos bens consumidos vem a dar fundamento a uma psicologia coletiva de grande conteúdo reivindicatório. “Quanto mais uma população assimila hábitos de consumo não-vegetativos, doutrina Guerreiro Ramos, tanto mais cresce a sua consciência política e maior se torna a sua pressão no sentido de obter recursos que lhe assegurem níveis superiores de existência; sendo certo que — *contrario sensu* — os padrões precários de existência, mantendo a população em estado de servidão à natureza, não propiciam o aprofundamento de sua subjetividade.”⁹

Como a população brasileira ganhou condições de elaborar fontes próprias geradoras de progresso, atingiu o patamar da autodeterminação. Isso significa que a população *ascende do plano de existir accidental, ao plano de existir em permanência*. Em outras palavras: deixou a *condição de objeto ou coisa* incapaz de modificar-se por si mesmo, para a *condição de sujeito*.¹⁰

A concepção da redução sociológica tem muito visível influência existencialista e tal verificação não diminui a sua importância, nem a limita no tempo. Toda a geração de Guerreiro Ramos recebeu, de frente, o impacto das idéias de Heidegger, Sartre e Kierkegaard. Sob o filtro fenomenologista de Husserl, na busca de um conhecimento das essências, caminhou Guerreiro até a verdade heideggeriana de que não se pode tomar o sujeito como um “eu puro”, “transcendental”. Ao contrário, o sujeito é um “ser no mundo”. Por aí chegou à verdade de que, em qualquer momento de sua existência, o homem está no mundo “preocupado com suas tarefas, absorvido por seus interesses”, em familiaridade com o complexo dos objetos que o circundam. *O homem e sua circunstância, sempre*. Eis a interação que lastreia a concepção da redução sociológica.¹¹

Por tal caminho o sociólogo, que já se havia apercebido da capacidade da nação brasileira caminhar por seus próprios motores, começou a denunciar o efeito deletério da assimilação literal e passiva dos produtos científicos importados. Era preciso que a assimilação se processasse segundo a circunstância brasileira. Daí nasceu a expressão “redução sociológica” que era a *chave pela qual*

⁸ Guerreiro Ramos, Alberto. *A redução sociológica*. op. cit. p. 34.

⁹ Id. *ibid.* p. 40.

¹⁰ Id. *ibid.* p. 41.

¹¹ Guerreiro Ramos, Alberto. *La reducción sociológica (introducción al estudio de la razón sociológica)*. Biblioteca de Ensayos Sociológicos, Universidad Nacional Autónoma de México, 1959.

se tomava como indispensável um procedimento metódico para assimilação dos produtos científicos importados e sua conseqüente adaptação à realidade nacional.

É, assim, a redução sociológica, conforme a situou o autor da categoria, uma atitude ordenada que não admite a existência, na realidade social, de objetivos sem preconceitos, e que parte da certeza de que a consciência e os objetos estão reciprocamente relacionados, de modo que se tenha como certo que o mundo que conhecemos e em que atuamos é o âmbito em que os indivíduos e os objetos se encontram em uma infinita e complicada trama de referências. Por ser assim, preciso se torna que tenha ele presente que a perspectiva em que estão os objetos, em parte os constitui. E, se se transferem a outra perspectiva, forçosamente se transmudam. Os suportes da relação, sujeitos à redução sociológica, são necessariamente coletivos o que, à sua vez, configura um procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira. Vale dizer, a redução envolve, de imediato, a idéia de seleção, isto é, só se deve buscar a assimilação do que seja vantajosamente assimilável, sob risco de malbaratarem-se recursos escassos. Para ser plenamente válido, o esforço redutor necessita de prévia reflexão, hábil para demonstrar de modo consistente as razões em que cada caso se fundamenta.

Não medrou ao acaso a idéia de “redução sociológica”. Guerreiro Ramos era um cientista social. Sociólogo, por certo, e culminante; mas também político! Ele mesmo se dava conta da interferência de um campo sobre o outro. “O sociólogo”, considerava, “de todos os especialistas, é o que está mais habilitado, pelos instrumentos intelectuais que possui, a superar a visão parcelada das necessidades do país, substituindo-a por uma visão unitária de sua contextura integral”.¹² Ora, a ótica descrita é necessariamente a ótica do ser político. Os ingredientes para a definição do estadista encontram-se acima perfeitamente condensados.

E não é sem razão que, já em 1953, o próprio Guerreiro Ramos preocupava-se com a estratégia do desenvolvimento do país, o que sequer se tinha entre nós cogitado de modo sistemático. Embora já visse o caminho à frente, no passo seguinte, sua primeira preocupação consistiu em denunciar o que chamava de “sociologia enlatada” e que nada mais era que o vazo adotado em todos os ramos do pensamento brasileiro de copiar os modelos estrangeiros, em meros transplantes de experiências já vividas nos contextos dos países mais avançados.¹³ Por isso, continuamente referia-se o mestre, não são transferíveis, de um país para outro, os critérios de ação social e, com acuidade, procurava demonstrar que a intransferibilidade não apenas decorria de fatores culturais, mas também da seletividade dos recursos disponíveis. Com tino político, preocupava-se com que o país obtivesse uma combinação ótima dos seus fatores econômicos tendo em vista a aceleração do progresso. São suas as palavras: “imperativos de contabilidade social impõem uma atitude seletiva na realização de medidas. Estas não têm um valor absoluto; ao contrário, sua eficácia depende das relações dominantes em determinado momento”.¹⁴

Com as lentes do sociólogo, Guerreiro Ramos procurou e conseguiu emprestar às lideranças políticas, no segundo período Getúlio Vargas e, de maneira mais nítida e eficaz, com Juscelino Kubitschek, uma visão nacionalista do processo de desenvolvimento econômico. O grande feito de Juscelino e o fulgor

¹² Guerreiro Ramos, Alberto. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*. op. cit. p. 67.

¹³ Id. *ibid.* p. 115.

¹⁴ Id. *ibid.* p. 68.

de sua trajetória foi o de exatamente acreditar que o país havia logrado o momento de posse das condições de progresso autônomo. Tal como pregava Guerreiro Ramos, o Presidente Kubitschek jogou com essa convicção que efetivamente era correta, logrando vitória extraordinária sobre os órgãos institucionais controladores das finanças mundiais, ao tempo que, por força dessa atitude, pôde abrir as comportas do mercado brasileiro aos investimentos particulares multinacionais sem perda do comando político. A realidade brasileira respondeu certo. Os capitais estrangeiros chegaram ao país em fluxo contínuo, mesmo que a título de experiência em muitos casos, e os indicadores da economia brasileira nos 30 anos que se seguiram apresentam um perfil de crescimento médio acelerado que lhe reserva papel significativo no jogo mundial.

As conseqüências políticas da visão do sociólogo foram, assim, realizadas a curto prazo.

Não se tome, porém, a questão como obra dessas coincidências fantásticas, que muitas vezes ocorrem na história dos povos. O embasamento doutrinário de Juscelino Kubitschek proveio diretamente dos ensinamentos de Guerreiro Ramos e seus companheiros do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, notadamente do Prof. Alvaro Vieira Pinto.

Juscelino Kubitschek, como todo visionário, aprendia em velocidade espantosa as idéias novas, mal lhe eram anunciadas. Não se detinha no estudo da gênese de tal ou qual pensamento, mas intuía o seu estado de certeza e o praticava como dogma. A mítica do desenvolvimento econômico foi gerada a partir do contexto isebiano e basicamente apoiada na categoria da redução sociológica.

Trágico e sumamente injusto o erro que a revolução de 64 cometeu contra Guerreiro Ramos. O mestre nunca foi um sectário. Era político, na razão mesma de que era um cientista social. Sua cultura vastíssima, que surpreendeu tantas vezes os *scholars* americanos, impedia que se alinhasse com posições subalternas ou fisiológicas. Não era homem de curto momento. Era o da gávea, o que via além, por sobre a linha do horizonte. Preocupava-se com o hoje, é certo. E sempre em compasso de urgência. Mas a sua vista enxergava claramente o tempo futuro. Tinha acirrada impaciência com o erro e com o imediatismo. Não titubeou, deputado federal pelo Partido Trabalhista, em escarpelar o que nomeava ironicamente de “infantilismo da esquerda” e foi o primeiro que, de maneira ordenada, previu a crise de poder que resultaria na inviabilidade do governo Goulart, personalidade de extraordinária comunicabilidade, mas que ingenuamente acalentava, no vale de suas forças, correntes ideológicas e de interesses extremamente antagônicos. O conflito, aliás, nascia com o ex-presidente: grande latifundiário, e, ele mesmo, propagandista de reforma na estrutura agrária. Uma contradição vivencial insuperável que o consumiu. O exemplo individual retratava a heterogeneidade das forças que se rotulavam como renovadoras. Guerreiro dissecou o assunto em *A crise do poder no Brasil e Mito e verdade da revolução brasileira*, com minudência e grande risco. Não se interessava, porém, pelo momento fugaz de aplauso dos que o rodeavam. Sofreu incompreensões por isso. Obsessivamente, porém, sonhava com seu país em posição de protagonismo histórico, além dos homens do hoje, em visão que contemplava o amanhã tangível. Sua capacidade para perceber o *passo seguinte* era notável. O último livro que escreveu no Brasil antes do auto-exílio, um tratado de administração pública (ele 20 anos técnico de administração do Dasp) contém tese nuclear que, ao momento de sua enunciação, parecia herética e que, no entanto, veio a se mostrar veraz, embasando de modo insuspeitado o movimento militar de 64, que não tinha pré-moldada qualquer doutrina para sustentá-lo.

Com efeito, Guerreiro desfez o equívoco tradicional — e que se propala puerilmente — pelo qual a burocracia é um mal em si, um câncer ou um parasita a minar ou a pesar sobre o organismo nacional. Deixou claro que, muito pelo contrário, pode a burocracia ser uma determinante eficaz do progresso na medida em que os seus integrantes sejam permeados de racionalidade técnica. Sem burocracia, a vida social seria inorgânica. A sociedade moderna impõe a organização de serviços públicos de considerável envergadura, os quais não funcionarão sem a burocracia, “cuja qualidade, graças ao desenvolvimento tecnológico e social, será tanto mais alta quanto menos alienado for o caráter geral das relações entre autoridades e subordinados, entre os serviços e sua clientela”.¹⁵ A burocracia, previa Guerreiro, pode exercer um papel essencialmente modernizante. E traíndo a sua veia política anuncia: “o atual Governo Castelo Branco (época em que compôs grande parte de seu *Administração e estratégia do desenvolvimento*), cujo suporte é essencialmente militar, interrompeu o processo de poliarquização de poder no Brasil. Mas, sem dúvida, o progresso da institucionalização dos interesses, no interior da sociedade brasileira, acarretará o advento da poliarquia plena. Quando esta concretizar-se, a burocracia, no Brasil, mediante seus estratos superiores, poderá ser sujeito de uma estratégia modernizante, em caráter menos ocasional e mais sistemático de que tem sido até agora”.¹⁶

O mestre Guerreiro Ramos previu com extrema precisão. A partir de 1964, os sucessivos governos militares, de uma maneira coordenada e em muito boa velocidade, ampliaram consideravelmente o quadro burocrático do país, mas o fizeram de maneira pragmaticamente hábil: dissociando os novos quadros do quadro anterior, pela criação de inúmeras empresas ou instituições setoriais, com regime diverso de trabalho e níveis salariais significativamente superiores ao “velho” aparelho da nomeada “administração direta”. A maneira de fazer gerou distorções sem conta que se tornaram irrelevantes tendo em vista a elevação qualitativa média do nível de competência, pelo recrutamento das primeiras gerações pós-universitárias que vieram à tona, após 1964.

Claro que a nova burocracia, dos “meninos de cabelos compridos”, constituiu fator de aceleração do processo de modernização do país. Agora não é o lugar, mas seria tentador verificar que Guerreiro Ramos, muito além do que se pensa, influiu de maneira direta na constituição do nosso quadro brasileiro pós-revolução. Há, sem sombra de dúvida, similitude de vertentes entre o seu pensamento e o do General Golbery do Couto e Silva, que se dedicou ao incessante trabalho de colorir doutrinariamente o mandato diretivo do país que as forças castrenses chamaram a si. Interessa-nos neste ponto, apenas, frisar que a fonte original das idéias matrizes afinal consagradas foi Guerreiro Ramos; e ela se localiza na teorização da *redução sociológica*, categoria que ajudou a mudar a ótica dos dirigentes e do povo em geral em relação à própria circunstância brasileira. A idéia do protagonismo histórico, com seus desdobramentos geopolíticos, vieram da autoconfiança adquirida pela nação, ao se dar conta que alcançara, por circunstâncias históricas, sociais e notadamente econômicas, motores próprios de desenvolvimento.

As sucessivas administrações, após 1964, centraram-se na preocupação racionalizada da aceleração do progresso. Não importa que tenha havido distorções no curso do processo e que possibilitaram imoral desigualdade de rendas entre os

¹⁵ Guerreiro Ramos, Alberto. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. op. cit. p. 271-4.

¹⁶ Id. ibid. p. 325.

componentes da sociedade. Logrou-se efetivamente, essa é a verdade, incremento notável no produto interno bruto (PIB). A riqueza nacional aumentou em velocidade exponencial. Os condutores de tal política desenvolvimentista foram exatamente os novos burocratas, livres, pela força do império militar, dos interesses circundantes, alguns deles apegados a privilégios seculares. O que vier a resultar, após o período castrense, seja por um processo mais drástico ou seja de modo gradualístico, no sentido da horizontalização dos êxitos alcançados no aumento da riqueza realizada no país, escapa à nossa atenção nesta resenha. De qualquer modo, o estudioso de então terá que se referir a Guerreiro Ramos, cuja privilegiada inteligência pôde criar e comunicar idéias matrizes que foram básicas para despertar a apreciação crítica não apenas das potencialidades mas do que já alcançara o país. Coube a ele dizer: Move-se!

Restará naquele momento, como já é aguda hoje, a sensação de remorso pelo ato insano que o puniu, a ele que nos deu a fé em nossos próprios recursos e sem o qual não se teria teorizado a idéia do desenvolvimento planejado de nossa economia, em convivência com o regime da liberdade de iniciativa.

A morte de Guerreiro Ramos, longe da prática que amou e pensou entranhadamente, inscreve-se na história de nosso país com esse mesmo fio escuro e inexplicável que bordou o exílio definitivo de Pedro II, duas figuras, os dois, da mais alta aristocracia na escala de nosso pensamento e de nosso destino.

Summary

The objective of the author is to point out the relevance of the concept of sociological reduction in the Brazilian development.

According to the author, Guerreiro Ramos himself thought his theory as the beginning of a revolution in the Brazilian thinking, like a first step towards the arising of a national consciousness that our country was a unique reality with its own problems demanding specific solutions.

Although the conception of sociological reduction had born under visible existentialist influence, this fact does not mean that it is limited at a specific period of time.

After analysing the concept of sociological reduction, the author tries to avalliate the Brazilian public administration experience in the light of ideas formulated by Guerreiro Ramos in some of his books.